

CIDADE E SOLIDÃO: UMA EXPERIMENTAÇÃO METODOLÓGICA SOBRE OS COTIDIANOS URBANOS NA CIDADE DE PELOTAS.

MONIQUE NAVARRO SOUZA¹; ÉDIO RANIERE; ROSMERI WILLE; HELENA STRELOW; LEILA BORGES; LAIS RAMM; OTÁVIO BORGES; ANDREA BASILIO²; LUIS ARTUR COSTA³

Universidade Federal de Pelotas – monique_n_souza@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com; rosewille@gmail.com;

helenapsico2012@gmail.com; laisramm@gmail.com; otavio.borges.rs@gmail.com;

anbadi@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – larturcosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Se nas cidades modernas o espaço público era considerado o território da convivência por excelência (MARINS, 1998; MONTEIRO, 1995; SENNET, 1997), nossos cotidianos contemporâneos exploraram novas formas de sociabilidades que formam uma teia capilar sutil e muitas vezes invisível no dia-a-dia das nossas cidades. Os deslocamentos acelerados nas ruas fazem destas cada vez mais espaço de passagem e menos voltados para a convivência. O espaço doméstico munido dos novos dispositivos midiáticos incrementa suas funções em nossas vidas, privatizando no interior das residências uma série de atividades: homeworking, hometraining, lazer e opinião públicas mediadas por redes sociais, etc. As estratégias modernas para a homogeneização higienista dos espaços públicos cede sua vez a uma fragmentação do espaço urbano em uma série de pequenos espaços privatizados de convivência entre "iguais": clubes, condomínios fechados, shoppings, residências conectadas na rede mundial de computadores, etc. (VIRILIO, 1993, 1994; SENNET, 1997).

Pretendemos, entre os diversos fluxos que constituem a trama urbana contemporânea e suas sutilezas fugidias, problematizar dois nós muito importantes nos agenciamentos das sociabilidades próprias a estas novas cidades: a solidão e a velocidade. Estes dois, muitas vezes, se encontram agenciados pela despotencialização dos encontros nas praças e ruas, pela paranoia urbana diante do estranho que cruza seu caminho (incrementado pelas imagens nas relações a distância), possibilitando novos estilos de microsegmentariedades (DELEUZE; GUATTARI, 1996) que prescindam dos antigos grandes espaços de fechamento da Biopolítica Disciplinar: “solitude and multitude”, uma solidão privativa povoada de público, encerrados em manicômios mentais (PELBART, 1990), menores e mais sutis que seus predecessores.

Prescindimos pouco a pouco dos antigos grandes muros dos espaços asilares e os substituímos por uma miríade de grades privadas e estratégias de esquiva diante da diferença: velocidade, tolerância, indiferença, autoisolamento, etc.

Para problematizar estas linhas que conformam nossos modos de habitar a cidade, propomos uma perspectiva híbrida entre o inteligível e o sensível, uma

perspectiva que nos permita mesclar as trajetórias de cada um e os trajetos da cidade, as experiências singulares e as formas instituídas. Utilizaremos o cinensaio (COSTA, 2012; MACHADO, 2006), que mistura estratégias das artes e das ciências humanas para permitir a visibilização das forças de subjetivação que vibram sobre o vidro, o concreto e o plástico de nossas cidades: “O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem” (DELEUZE, 1997, p.73).

2. METODOLOGIA

O estudo se dará através de oficinas de realização de cinensaios experimentais com os participantes do Grupo de Estudos Método e Criação do curso de Psicologia da UFPel. Em encontros semanais, discentes e docentes levam suas captações e edições da semana para discutí-las junta da leitura de textos que abordam os hibridismos entre ciências e artes ou que versam sobre a cidade contemporânea, suas segmentariedades micropolíticas, a solidão, o esgotamento, etc..

A partir da exibição e discussão dos fragmentos fílmicos no Grupo é que se dá a constituição do discurso imagético afirmado pelo cinensaio. Para tanto, há uma mescla de estratégias metodológicas da autoetnografia (SAMULE-LAJEUNESSE, 2007), da antropologia visual (RIBEIRO, 2007; NOVAES, 1998), deriva psicogeográfica (DEBORD, 1999), do cinema experimental (VERTOV, 1923; MACHADO, 2006; DUBOIS, 2004), entre outras, alinhavadas pela perspectiva da Cartografia (FONSECA; KIRST, 2003; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intuito de ver a cidade a partir de um olhar poético sobre seus trajetos, paisagens, gestos e cotidianos, nada mais é do que almejar ir além da figura óbvia e objetiva das formas de ver estabelecidas: para além do olhar que tenta apenas rerepresentar os fatos, há um discurso imagético que afirma perspectivas, compondo uma imagem plena de sutilezas e singularidades. Não se trata de fazer ver ao invisível, mas de se fazer perceber o que é imperceptível pelo excesso de visibilidade, aqueles elementos habituais que são apagados de nossa percepção por sua obviedade cotidiana. Fazer ver ao óbvio como estranho exige o deslocamento da percepção, acontecimentalizar nosso olhar para deslocar nosso sistema de aceitabilidade (FOUCAULT, 1990). A poética se insere aqui como um dispositivo produtor de uma heterotopia urbana (FOUCAULT, 2001) que nos permite tencionar nossos modos de habitar a cidade. Abrir ao olhar do transeunte civilizado, através da intersecção de um problematizador poético das suas formas visuais usuais, é também abrir, a um só tempo, o transeunte e sua cidade para novos modos de ser. Transforma-se a relação que inventa ambos, a cada encontro, todos os dias: a paisagem existencial.

Utilizando a autoetnografia (SAMULE-LAJEUNESSE, 2007), a antropologia visual (RIBEIRO, 2007; NOVAES, 1998), o cinema experimental (VERTOV, 1923; MACHADO, 2006; DUBOIS, 2004), compostos a partir da perspectiva de produção de conhecimento afirmada pela Cartografia (FONSECA; KIRST, 2003; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), cada um dos membros do Grupo de Estudos Método e Criação pode problematizar suas próprias paisagens existências, seus modos sensíveis e inteligíveis de habitar um conglomerado urbano contemporâneo envolto pela já clássica questão das relações entre cidade e solidão (COSTA, 2007, DIAS, 2005; SENNET, 1997; PEIXOTO, 1992).

4. CONCLUSÕES

A utilização de ferramentas advindas das poéticas (plásticas, dramáticas, literárias, etc.) provém um interessante aporte aos já consagrados estratagemas metodológicos das ciências humanas (Psicologia Social, Antropologia, Sociologia, Educação, etc.): ao deslocarmos o foco na reprodução-descrição, possibilitamos o acesso a uma nova possibilidade de paisagem urbana, onde seus elementos sensíveis como odores, cores, medos, amores, surpresas, impressões, sutilezas e fugacidades são incorporados ao estudo de modo não analítico. Pois ao compormos as singularidades das paisagens urbanas a partir da força poética da poética, vemos que nos interessam mais as relações entre os elementos do que sua categorização e localização: “[...] não nos interessamos pelas características; interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Luis Artur. **Brutas cidades sutis: espaço-tempo da diferença na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/13404>
- COSTA, Luis Artur. **Desnaturando desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano**. 2012. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do sul. 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/55684>
- DEBORD, Guy. Teoria de la deriva. Em: **Internacional situacionista, vol. I: La realización del arte**, Madrid, Literatura Gris, 1999. Acessado em 05/03/2014. Disponível em: <http://www.ugr.es/~silvia/documentos%20colgados/IDEA/teoria%20de%20la%20deriva.pdf>
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 3**. São Paulo: Ed.34, 1996.
- _____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. São Paulo: Ed.34, 1997.
- DIAS, Fabiano. **O desafio do espaço público nas cidades do século XXI**. In: **Arquitextos, n 312, julho de 2005**. Acessado em 23/01/2013. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/esp312.asp>.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FONSECA, T. G.; KIRST, Patrícia G.(org.) **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2003.
- FOUCAULT, Michel. O que é a Crítica. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, v. 82, n. 2, p. 35-63, abr./jun. 1990. Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Acessado em 15/06/09. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/critique.html>.
- _____. **Outros espaços. Ditos & escritos vol.III**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001
- GIL, José. **A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções: estética e metafenomenologia**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998. p.107-115.
- MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, setembro de 2006.
- MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. (p.131 a p.214) In: **História da vida privada no Brasil. vol. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia:**

pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível: a ética das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1992. p.301-320.

PELBART, Peter Pal. *Manicômio Mental: a outra face da clausura.* Em: LANCETTI, Antônio. **Saúde Loucura. n.º 2.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1990.

RIBEIRO, José da Silva. Jean Rouch: filme etnográfico e antropologia visual. Em: **Revista Digital de cinema documentário,** nº3 dez 2007.

SAMULE-LAJEUNESSE, Joel Feliu i. Nuevas formas literarias para las ciencias sociales. Em: **Athenea Digital,** nº 12, p.262-271, 2007

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

VERTOV, Dziga. **Conselho dos três.** 1923. Acessado em: 22/05/2014. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/01-10/kinoksumarevoulcao.html>

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico.** São Paulo: Ed. 34, 1993.

VIRILIO, Paul. O último veículo In: **Revista 34 Letras** n 5/6, setembro/1994, RJ.